

Estudo sobre as Antas
e seus congêneres
Difertação Archeologica
Opusculos I
C.^a Joaquim José Da Rocha Espanca



OPUSCULOS

I

ESTUDO

SOBRE AS ANTAS

E SEUS CONGENERES

DISSERTAÇÃO ARCHEOLOGICA

PELO

PADRE JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA

PRIOR DE S. BARTHOLOMEU E VIGARIO DA VARA DE VILLA VIÇOSA



VILLA-VIÇOSA

TYP. PARTICULAR DO AUCTOR E EDITOR

1894


ESTUDO

SOBRE AS ANTAS

Tiragem d'este opusculo, 200 exemplares

OBRA DO MESMO AUCTOR

Compendio de Noticias de Villa Viçosa



Vende-se na mesma villa em casa do auctor; na de Joaquim José Amaro, rua de Sancta Luzia, 45; e na Livraria Gômes, ao Chiado, 70, em Lisbôa.

Preço, em broxura 800 reis

Pelo correio 855

OPUSCULOS

I

ESTUDO

SOBRE AS ANTAS

E SEUS CONGENERES

DISSERTAÇÃO ARCHEOLOGICA

PELO

PADRE JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA

PRIOR DE S. BARTHOLOMEU E VIGARIO DA VARA DE VILLA VIÇOSA



VILLA-VIÇOSA

TYP. PARTICULAR DO AUCTOR E EDITOR

1894

«A maior parte dos escriptores só escrevem nos seus gabinetes, copiando uns dos outros, sem visitarem os monumentos pelos montes e bosques, estudando-os e examinando-os nas localidades.»

S. Ferreira. — *Mon. Cyclopeenses em Portug.* no *Bolet. d'Archit. e de Architect.*

DEDICATORIA



40

MUITO REVERENDO SENHOR
DOUTOR PEDRO AUGUSTO FERREIRA

ABBADE DE MIRAGAYA
DISTINCTO ARCHEOLOGO
CONTINUADOR DO DICCIONARIO
PORTUGAL ANTIGO E MODERNO
ETC.

OFFERECE ESTE OPUSCULO

O Padre Joaquim Josi da Rocha Espanca



Meu caro Abbade

Sendo nós amigos sinceros, collegas ambos no officio de pastores d'almas e fervorosos cultores da sã litteratura, occorreu-me offertar-lhe este livrinho, como prova da amizade, que nos liga ha quasi dois lustros.

E porque não?!

Nós contamo'nos entre os poucos padres, que teem a abnegação de sacrificar alguns breves momentos d'ocio á cultura das boas letras, em vez de os empregar em innocentes recreações de proveito nosso.

Disse—abnegação, porque o escrever hoje um padre para o publico livros de sciencia ou litteratura é quasi—fazer um impossivel. Todos sabem quanto o clero está rareado, mormente n'este Alemtejo, sendo, portanto, pouco o tempo, de que elle dispõe, só para o desempenho do serviço ecclesiastico; e se todos os clerigos trabalham hoje duplicadamente, os parochos então padecem, mais que esrestantes, um quasi martyrio nas continuas lidas do pulpito, do confissionario, dos soccorros a enfermos, da sepultura de mortos, escripturação, culto publico, commissões de interesse religioso e civil &, sem a maior parte d'elles, como eu, terem um coadjutor, que os allivie.

Não, collega, o clero não é ignorante, como por ahi nos apodam: o clero não tem vagar para estudar e esre-

rer obras de reconhecido merecimento scientifico ou litterario; e menos ainda pode estampá-las, porque é pobre.

Mas «nós, e poucos outros, fazemos algum serviço ás lettras» objectarão os nossos detractores.

Fazemos, sim: mas é sacrificando ao estudo, o que deveriamos tomar para uma justa e necessaria recreação. . .

Quanto a mim direi—que estudo e escrevo ás furtadelas do meu officio, como João de Barros fazia nas suas Decadas; queimo á luz do candieiro, em altas horas da noite, as minhas pestanas de myope; ninguém me vê em espectáculos publicos e passeios ociosos, chegando até a ser havido por insocial ou mysanthropo. . .

É só incorrendo n'est'outras incriminações que tenho podido escrever alguma cousa.

Ora isto não cabe nas forças de todos.

Visto pois que o collega é dos meus, porque faz sacrificios semelhantes, com a mesma coragem e abnegação, que nos insuffla o amor das lettras, aqui tem este livrinho: cõsinta que o seu nome figure ao pé do meu; accete-o, ainda que, de surpresa, para maior galanteria, lh'o dedica o

Seu collega e amigo muito obrigado

Villa Viçosa, 30 de novembro de 1894

Joaquim J. da R. Espanca



PROLOGO

DUAS palavras direi, prefaciando esta obrinha, para dar a razão do seu apparecimento no mundo litterario, editada pela imprensa.

No meu *Compendio de Noticias de Villa Viçosa*, ao mencionar as reliquias de duas antas, subsistentes em Pardaes, emitti a opinião de terem ellas sido — *choças dos tempos historicos* (pag.74); e porque allí não era logar a-zado para uma demonstraçãõ cabal d'aquelle meu asser-to, resolvi logo justificar e explicar, opportunamente, o meu sentir. É o que faço agóra n'este opusculo.

Bem sei que a emprêsa é arrojada; parecerá até uma quasi *heresía* ou um paradoxo para os srs. prehistoristas: mas não importa. Sempre me tenho inspirado n'aquelle nobre incitamento do Ecclesiastico, IV, 24--*Não trepides em dizer o que é verdade* — NE CONFUNDARIS DICERE VERUM.—

De mais: não argumento estribando-me em conjecturas falliveis, mas sim em factos—visiveis e tangiveis.

Quem me ler desapassionadamente, depondo os preconceitos de uma sciencia vaidosa e fallaz, ha de concluir por dar-me a razão.

Eu podia limitar este meu escripto sómente á demonstração do que asseverei: mas, por não parecer que opinei de leve, sem estudar a materia a fundo, entendi que—melhor seria mostrar que me encontro sufficientemente imbuido nos modernos estudos archeologico-prehistoricos e que, só depois de alguns annos de aturada meditação, cheguei finalmente a convencer-me de que nada ha que se opponha á crença arraigada, que professo.

Fica assim um pouco mais longa esta dissertação; mas também terá a vantagem de ministrar ensino aos que ainda fôrem hóspedes na materia *subjeita*.

O auctor

ESTUDO

SOBRE

AS ANTAS E SEUS CONGENERES



CAPITULO I

Historia Litteraria do assumpto

DEPOIS de ter havido na Lusitania uma civilisação muito adelantada, mórmente durante o dominio dos Romanos, chegou a caliginosa noite da Era de Media com a invasão dos Barbaros do Norte no seculo V, corroborada no VIII pela irrupção dos Mauritânos d'Africa; destruiu-se a antiga civilisação da Peninsula Hispanica; apagaram-se as suas anteriores leis, usos e costumes; e pode se por isso affirmar que a constituição da Monarquia Portugueza valeu por uma nova repovoação da velha Lusitania nos seculos XII e XIII. Assim, o passado, ainda nas cousas mais triviaes da vida humana, esqueceu quasi inteiramente. Por isso, quando Portugal já medrava no seculo XVI e os novos colonos da Lusitania começaram a cultivar as sciencias e as letras, appareceram logo homens que se dedicaram ao estudo das ruinas da civilisação antiga, dando-se o nome de *antiquarios*, como André de Bézende e outros.

Todo o paiz estava então coberto de *casinhãs* ou *lapas* de pedra, a que os novos colonos de Portugal chamaram *antas*. u-

mas inteiras e outras meio-desfeitas; e em tamanha quantidade figuravam ellas por toda a parte, que povoações novas dos Portuguezes tomaram d'ellas o nome, dizendo-se—*Antas de Penalva de Teneo* etc e d'ahi veiu a muitas familias o seu appellido, chegando a haver no seculo corrente até um *Conde das Antas*, como lembra o dr. Graça, de Niza(1).

Houve quem se occupasse em fazer menção d'estes monumentos megalithicos e em descrever a sua forma, como Fr. Martinho de S. Paulo, fundador do convento do Amparo d'esta Villa Viçosa, onde falleceu em 1614 e onde jaz, como consta de uma carta d'elle sobre antiguidades alemtejanas, que mais tarde foi inserta por Damasio na *Thebaida Portugueza*: carta, onde afirma que eram *avas* ou altares, erguidos pelas hostes de Viriatho em acção de graças pelas suas victorias e para terem os deuses propícios na guerra(2).

Outro foi o chautre d'Evora Manuel Severim de Faria na *Relação* de uma jornada, feita por elle á Beira, onde refere ter ouvido contar aos camponezes—que *eram ALTARES, em que algum dia se depuham as primicias dos fructos e rebanhos que se offerciam a Deus*(3).

Mas os litteratos pouco se occupavam d'isto.

Depois a lei de 28 d'agosto de 1721, promulgada para auxliar a recente «Academia Real de Historia Portugueza», ordenando a conservação e registo dos monumentos antigos, começou a dar alguns fructos. Na Conferencia de 24 de settembro de 1733 ouviu ler a dicta Academia uma conta do padre fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, em que participa ter elle descoberto não menos de 315 antas, senão 67 no termo d'Evora(4).

D'ahi resultou propor-se Martinho de Mendonça de Pina e Proença dizer—eruditamente—o que eram as antas, apresentando á mesma Academia, na conferencia do 1º d'abril de 1737, uma *Memoria sobre os monumentos* «que se acham em varias partes

(1) *Mem. Hist.* da mesma villa, vol. 2, pag. 77.

(2) Em manuscrita, e a qual se haas vezes cita na *Thebaida* referida.

(3) *Mem. Hist.* de Niza já cit.

(4) *Colleção de Mem.* da dita Academia, vol. 5.

de Portugal, a que chamamos ANTAS(5), sendo o primeiro litterato que deu parecer fundamentado sobre esta materia. Etribou-se n'uma etymologia da palavra *anta*, que suppoz vir do hebraico *nathan*, (dedicar, offerecer) ou do seu cognato phenicio—*anta*, que significava *Deus*, vindo por tal forma a considerar estes megalithos como edificios sacros, ou *altares* ou *templos*; e assim ficou sendo «scientifico» a opiniao de fr. Martinho de S. Paulo e a dos pastores da Beira, recolhida por Severim, como atrás deixo dicto.

N'isto parou entre nós o estudo sobre as antas durante o seculo 18º e a metade primeira do 19º.



Lá fóra, no estrangeiro, também começaram a ser estudados estes monumentos, chamados *dolméns* em França, dizem que, do gaelico *tol men*, que significava *meza de pedra*; porque, segundo parece, os Gaulezes olharam mais para o uso externo que para o interno, que poderiam ter. Lá começaram os doutos a tel-os por *sepulcros* antigos ou *altares* druidicos dos Celtas(6)



Chegado porém o meio do século 19º, creou se uma palavra nova para designar o conhecimento das antiguidades; é a *Archeologia*, dizendo-se «archeologos» os que se occupam na investigação de tal conhecimento: e na verdade tem se desenvolvido muito na Europa este estudo curioso.

A archeologia foi dividida em «historica e pre-historica», abrangendo esta ultima os monumentos usados nos tempos anteriores á historia escripta da humanidade.

Os srs. De Bonstetten e Bertrand emittiram nova opiniao sobre o destino das antas, suppondo as —proveniencia de um povo megalitha do Norte, que viesse a esvaecer-se pelas costas do Mediterraneo, deixando as antas por marcos ou monumentos do seu itinerario a través da Europa(7).

(5) *Ibid.* vol. 13.

(7) Sá Vilella—*Os Dolmènes*, no *Boletim V. Architectura e do Archeologia* Lisboa, Tomo I, n.º de 1873, pa. 5. 134.

(7) *Ibid.*

E assim ficaram já sendo tres as opiniões dos estudiosos sobre as antas, devendo ellas ser—*altares* ou templos para uns, *sepulchros* para outros, e finalmente marcos de um *itinerario* para alguns mais modernos.

Ci em Portugal o mais que se tem feito é—aproveitar os estulos lá de fóra, junctando a isso algumas descripções de antas novamente descobertas, mas sem ninguém dar uma solução ao problema de saber-se, com solidos fundamentos, o que eram as antas; e porque a mania de—reputar sempre melhor o estrangeiro que o nacional— é epidemica em nossos dias, até já tiram ás antas o seu nome portuguez para as appellarem *dolméns*, á franceza.

Em 1868 sahiu a publico o sr. Pereira da Costa com uma excellente Memoria illustrada sobre *Os Dolmíns ou Antas* de Portugal, onde menciona 44 antas e outros monumentos megalithicos d'este reino.



Mas, entre o que tenho lido de mais erudito e judicioso sobre esta materia, figura em primeiro logar o estudo — *Os Dolméns*, de Sá Vilella, que o meu amigo dr. Teixeira de Aragão me affirmou—ser pseudonymo de Silva Leal, já fallecido: este l. publica lo em quatro artigos no «Boletim d'Architectura e de Archeologia», Tom. I e II, annos de 1876 e 1877 e mais um appendice a pag. 43 do 2º tomo. Apreciei muito este estudo, não só por ser de uma critica desapaixenada e só deseiosa de conhecer a verdade, senão também por me parecer que allí estava dicta a *ultima palavra* dos archeologos contemporaneos sobre a questão debatida, posto que o nosso esclarecido compatriota não a resolve por sua parte.

«O que são os dolméns? De que raça seria o povo que os crearam? A que cidade archeologica devrão attribuir-se?»

«São tres interrogações, a que—ninguem até hoje—tem podido responder satisfactoriamente.»

«Maior razão para que as estudemos.»

Assim abre Sá Vilella os seus artigos.

Mas que faz elle? — Critica todas as opiniões conhecidas; reprova ou põe em dúvida cada uma d'ellas; e por ultimo ficam sem

resposta satisfactoria as perguntas sobredictas.

×

Depois de Vilella sahio-se em 1878 o Dr. Augusto Filippa Simões com a sua *Introducção á Archeologia da península*, onde visivelmente se conhece que pretendeu responder ás tres interrogações de Vilella no cap. VII, intitulado—Problemas—. Disse este doutor, pouco mais ou menos, o que já dissera o seu antecessor, ficando sempre indefinida a questão principal, que é a de saber-se **o fim** para que as antas foram edificadas.

Se ha mais alguma coisa escripta em juizo diverso, não a conheço.

D'aubos os referidos estudos me aproveitarei n'este opusculo, quando rebater as opiniões até agora em voga entre os archeologos.

CAPITULO II

Quantidade e forma das antas

PRIMEIRO que tudo convém que nos orientemos, fixando a quantidade e, sobretudo, a forma das antas, para que os não versados na materia sujeita formem d'ella uma idea adequada.

Antas são uns pequenos edificios, formados de grandes lapas (de pedra, segundo a fornece a região), das quaes—umas estão espetadas no solo para servirem de esteios, e—outra ou outras cobrem o recinto formado pelos esteios.

Por constarem de grandes pedras, dão-lhes hoje os archeologos o nome de *megalithos*, assim como dão a outros edificios d' esta especie. As antas pertencem pois, em nossos dias, á classe dos «monumentos megalithicos», isto é—compostos de grandes pedras.

O seu tamanho varia, sendo algunos da proporção de uma casa regular, e reduzindo se outras, a quasi totalidade, a pequenas lapas de dois ou tres metros de comprimento sobre um e meio a dois de largura. A altura orça também por um e meio a dois ou tres metros.

N'umas o ostio, ou portada, é da altura do corpo do edificio; e n'outras é de altura muito inferior, tornando-se necessario penetrar n'ellas—engatinhando.

Umam ostentam a forma oval ou semi-oval, e outras são quadrilongas.

Os esteios encontram-se —já aprumados, —já inclinados para o interior.

Ha antas cobertas de terra, formando collinas ou monticulos, chamadas «tumulos ou maminhas»(1) e de marca maior que

(1) F. Simões—*Introd. á Arcl.eol. da Pen.* pag. 85

a geral das antas. D'isto se vê—ser grande a variedade n'estes edificios; e é provavel que tivesse.n, por isso mesmo, nomês diversos na remota antiguidade.

Agóra note-se que são rarissimas hoje as antas completas ou intactas, não por as derruir o tempo, mas sim por as desmancharem os modernos para aproveitarem as suas grandes lages em varios usos da nossa actual civilisação. Por isso, na maior parte dos casos, o archeólogo explorador *calcula* como deveriam ser na sua origem, mas não as vê já no seu estado primordial.



Ouçamos o que diz o erudito Vilella.

«Estes monumentos foram muito numerosos pela Allemanha. São raros na Belgica, onde tantos despojos ha das edades da pedra. Pela Armorica, famosa estação dos Celtas, e outras partes da Fraça, ainda hoje se descobrem alguns, assim como pelo litoral da Hispanha e mui diversas regiões. Mas em paiz nenhum pode ser que existissem em tamanha quantidade, relativamente, como em Portugal.»

O mesmo diz Filippe Simões, acrescentando--que no Alemtejo é o maior numero(2).

Continúa Vilella:

«N'uma antiga historia de Westphalia . . . menciona se um dolmen debaixo do qual se recolhia um rebanho de carneiros (*Memoirs pour l'histoire des sciences et des beaux-arts*, 1710).»

Cita em seguida Sá Vilella muitas noticias a este respeito, começando por lembrar o que diz Damasio na *Thebaida Portugueza* sobre ter um reitor do mosteiro da Serra d'Ossa feito destruição de duas antas, que estanciavam, uma dentro da cerca do mosteiro referilo e outra perto d'elle; o que de certo foi praticado, não com o fim de as destruir, mas sim com o de lhes aproveitar o material.

Ora é isto o que tem succedido por toda a parte; e portanto dada fica a razão de tenderem estes monumentos a desappare-

(2) *Id.*, p. 32

cer, não obstante haverem sido outr'ora ás centenas, e talvez aos milhares, na Lusitaniã.



A proposito recordarei que o Dr. Graça lembria que na conferencia da Academia Real de Historia Portugueza de 30 de julho de 1733 dissera Mendonça de Pina «que . . . vira junto a Niza uma anta, que constava de uma mêsa de pedra tosea de treze palmos de largo e quinze de comprido, elevada uns nove da superficie do terreno, sobre cinco toscos padrões, ou columnas, que o tempo arruinara, e de que restavam apenas quatro: no entanto hoje (1855) não se encontra . . . vestigio algum d'ella, porque foi demolida para lhe aproveitarem os materiaes: sabe se unicamente que estava collocada no Rocio junto da antiga muralha quasi em frente do pátco da casa dos Sulguciros(3).»

Diz o mesmo Dr. Graça que no seu tempo só conhecia uma anta «na Seiceira, proxima da ermida de S. Gens . . . ; consta [diz] de tres grandes pedras alevantadas perpendicularmente, e outra collocada sobre ellas horizontalmente(4).»



Já fica dicto atrás que na conferencia de 24 de settembro de 1733 lera a Academia Real de Historia Portugueza uma communicação do pádre fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, onde mencionava «3 1 5» antas por elle descobertas; e já anteriormente havia escripto que, só no termo d'Evora, e logares circumvisinhos, descobrira «6 7», duas d'estas apenas distantes 300 passes uma da outra.

Na obra do Dr. Filippe Simões estão dois desenhos da anta da Lairinha no Alemtejo, e diz o auctor que o seu typo (o de esteios inclinados para o centro) é o da maior parte das de Portugal «comquanto se não reconheça facilmente n'algunas já me-

(3) *Mem. Hist.* já cit.

(4) *Ibid.*

is derruidas.» (5)

A anta de Gontinhães, chamada *Lapa dos Mouros* ou da *Barrosa*, está descrita assim por Cesário Augusto Pinto: «É formado (o dolmen) de dez pedras, assentes sobre um pequeno morro artificial... servindo uma d'estas pedras - de mēsa ou cobertura d'este monumento megalithico, o qual tem de comprimento tres metros e tres centimetros(6).

« D. Ramon Silvello, n'um estudo sobre *Antiguidades de Galicia* e artigo sobre *Monumentos Celticos*, menciona differentes dolmens, entre os quaes um perto da Corunha em perfeito estado e notavel pela sua altura, superior a tres metros(7).

*
* *

Perto já da minha vivenda, na Serra d'Ossa, ha tres dolmens, descriptos pelo sr. Gabriel Pereira. São situados, uns perto dos outros, nas herdades — da Candieira, das Thesouras e das Vidigueiras. Só o da Candieira está bem conservado. «É mai notavel pelo braco, que apresenta na pedra que forma o fundo da câmara. Situado em um olival e pinhal, encimando um pequeno cabeço, é formado por seis grandes lages de schisto, formação geologica dominante n'esta serra. A altura d'esta construcção prehistorica (palavras textuaes do citado escriptor) é superior a dois metros. Assenta a mesa sobre quatro pedras. O monticulo é natural. A lage do fundo tem, a pouco mais de meia altura, uma abertura circular, feita com regularidade e visivelmente artificial. *Deslocar um um só dos esteios para penetrar no interior do dolmen*(8). O espaço, comprehendido pelas lages, tem dois metros de comprimento sobre um e meio de largo(9).

Ou eu me engano, ou esta anta quadrilonga está completa, sem nada lhe faltar. Duas lages em cada illarga, com uma outra

(5) Pag. 82

(6) *Boletim da Assoc. dos Arch. e Archeol.* Tomo I pag. 13

(7) SA Vilolla = *Os Dolmens* Bibl. pag. 133

(8) O gripho é ucu.

(9) *Ibid.* Tom. I pag. 91

no fundo e a colerteira por cimua, sommam seis lages. A fente desimpedida era o ostio ou entada para a anta; pois o seu fin, como demonstrarei, não se reduzia a serviço externo, mas sim interno. Es-a entra-la havia de ser fechada, provavelmente, com uma outra lage movel, que serviria de porta ou tapume.

E bastará d'antas conhecidas.

Com a leitura do capitulo seguinte, já os leitores alheios a estudos d'esta especie, ficarão bem scientes da materia de que tracto.



CAPITULO III

Antas novamente descobertas e vistoriadas pelo auctor

QUANTO não vi uma anta no local da sua construção, não pude formar juizo proprio sobre a sua causal ou destino seu.

Chegou enfim o anno de 1882, em que eu, sendo pároco de Pardaes n'este concelho de Villa Viçosa, cuvi um dia nomear a *Fonte da anta*, situada em terra da asenha do Linociro, mas perto da asenha da Rocha, que já pertence á freguezia de S. Braz dos Mattos; e logo me veiu à ideia a existencia de um d'estes megalithos ao pé da referida nascente. Pedi informações a tal respeito; e ainda que o interrogado não pôde attestar me a existencia de tal monumento alli, indicou-me contudo um outro, seguindo os signaes que eu lhe dava, situado, ainda mais perto, em terra da asenha dos Apostolos, juncto do carril que se dirige á freguezia do Rosario e outros logares visinhos.

Foi esta anta a primeira que vistoriei; e ainda que já meio desmanchada, pude, pelo formato d'ella, reconhecer os vestigios da outra, situada perto da fonte e já quasi inteiramente destreita. Fiz esta vistoria em 11 d'agosto do dicto anno.

1.—A anta dos Apostolos ainda consta de seis lajões, quatro dos quaes formam o fundo oblongo ou trazeira, inclinados uns para os outros, dois de cada lado, para dispensarem alli a cobertura. Constituem uma especie de cauda; tem a altura de 1 metro os primeiros, e $\frac{1}{2}$ metro, os ultimos.

Os outros dois lajões são os esteios da testeira, com a altura de metro e meio, aprumados.

Faltam por conseguinte os esteios das illargas (1 ou 2 de cada parte) e a cobertura.

O comprimento d'esta anta é de 4^m,0 e a largura, na frente, de 2^m,5.

Vê-se pois que era do mesmo typo da anta da Lairinha e das napaías Africanas.

Está olhando para NE. e para a varzea da ribeira, posta na margem direita d'ella.

2. — A anta do Limoeiro consta apenas de restos de tres lajões, na illarga esquerda, elevando-se d'is só até a altura de tres palmos e achando-se o terceiro partido rente do chão. Todavia bem se conhece ainda o plano d'este megalitho, porque esse plano é mais funlo que o solo natural.

O formato é egual ao da precedente, salva a differença de ser mais pequeno. O comprimento é d'uns 3 metros, e a largura, na frente, de 2 e meio.

Está olhando para o SO. na outra margem da ribeira (de Pardaes). Quanto á sua altura, não pode já saber-se qual fosse. A planta semi-oyal de ambas figura-se assim :



Frente



3. — A descoberta d'estas duas antas, já incompletas, bastou para que um meu frègnez, vendo que eu dava importancia a estes edificios antigos, me inculcasse outra maior, que vira perto do monte do Casec, herdade situada na freguezia do Rosario, termo do Alandroal, quasi na margem direita do Guadiana.

Por ficar muito distante de Villa Viçosa (uns 20 kilometros) deixei passar muitos annos sem ir vê-la; como porém resolvi a-

góra editar este opusculo, não qu'z privá-lo de mais esta novidade. Puz-me a caminho do Casco em 10 de maio do corrente anno de 1894; e senti magua de não ter feito esta visita um anno antes, como desejava: pois em fevereiro ultimo fôra alli cavar um cabreiro com esperança de achar «umas barras de ouro»; para este effeito lançou por terra a ilbarga direita da anta, com esta de tres grandes lajões, que elle partiu a golpes de marrão para desimpedir o solo e poder escavar o centro do monumento.

Assim pois só vim a encontrar o fundo ou trazeira, constante de um grande l'jão de pigarra (schisto), e a hobreira direita do ostio ou entrada.

O l'jão do fundo tem a forma de um A assim:



e dá-nos a medida ou bitóla do vão da anta. Tem 11 palmos de alto, 8 de largo no alicerce e 4 em cima.

A hobreira do ostio é uma lage, sobresahida um metro do solo e pendida para o mesmo ostio ou entrada, assim:



que eu completo com pontinhos para restabelecer o dicto ostio.

Tem só 4 palmos de alto.

A grossura d'estes lajões varia de palmo e meio a dois e meio.

Só estas duas pedras — fundo e hobreira direita, existiam no dia 10 de maio de 1894, com os destroços das que foram abatidas e quebradas pelo cabreiro, como dicto fica.

Disse-me José Alfaça, caseiro d'aquella herdade, que as pedras, derruidas e quebradas, eram 3: duas da altura do fundo subsistente e inclinadas conforme a figura do mesmo fun'lo, e uma 3ª, mais baixa, que tocava na hobreira; e d'ahi ajuizei que

até o anno de 1894 duravam, d'esta anta, o fundo e toda a ilharga direita, vindo a faltar sómente a ilharga e hombreira esquerda com a coberteira ou mêsa.

D'essa mais antiga destruição affirmou o dicto vèlhote, dos seus 75 annos, nunca ter conhecido nem ouvido contar que alguém a fizesse. É pois destruição muito antiga.

O comprimento d'esta anta é 20 palmos; e a sua largura, no centro, de 15, estreitando-se para o ostio, abatido a fim de poder entrar alli um homem — só de joelhos ou de galinhas: mas dentro podia estar de pé. Havia capacidade para se abrigarem alli 4 ou 5 pessoas.

Está virada para o oriente, com seu terreiro artificial deante, olhando para um ribeiro que vem do norte e se despeja no Guadiana, a pouco mais de um kilómetro de distancia, na herdade da Granja.

Do terreiro da anta está-se vendo a Cazeta Aduaneira da Granja; e para a mão direita vê-se parte da serra de Olor em Olivença. O monte do Casco fia-lhe detrás a uns 50 passos.

Nas visinhanças abundam copulentos e viçosos pilriteiros, fazendo pictoresca aquella estancia.

O pavimento da anta é mais baixo que o solo da herdade, como se vê nas antas de Pardaes. Figuro assim a sua planta:



Frente

Emquanto pois as antas de Pardaes similhavam um barco virado, com a querena para cima, como as mapalias da Numidia, esta parecia-se com uma bolija ou frasco tombado; e tinha formato maior.

Não deixarei em silencio que o cabreiro, denodador de fe-

veriro ultimo, não encontrou alli ossos, nem objectos d'ouso ou pedra, nem quasi que a telha os antigos, e menos ainda «as barras de ouro» com que sonhara: o que alli vi com abundancia, no solo revolvido, foram calhaus roliços do Guadiana, a que nós aqui damos o nome de *chinas*, e que serviram aos constructores da anta para calçar os esteios ou apertalhos no fundamento.

Logo por baixo do terreiro ou cirado começou o dicto cabreiro a desobstruir um subterraneo de simples excavação, que parece dirigir-se para debaixo do terreiro mencionalo; como porém não deixou espaço desimpedido por onde eu pudesse descer a esta mina, ficou por vistoriar. Pareceu-me uma *latebra* ou escondiço.



Coeluida a inspecção do meg-litho ás onze horas e meia da manhã, galguei a collina do oriente até o posto aluaneiro; e contemplava d'alli o rio que em baixo corria na iso e o territorio da freguezia de S. Bento da Contenda além da corrente, quando o sol tocava no seu zenith, n'um bello dia do mez das flores.....

Mas, se para lá gastara quatro horas e meia, montado n'um jericó, logo o nosso hospedeiro Alfaça me disse que gastaríamos cinco, ainda que tornando por mais direito caminho, que elle ensinou ao meu almocreve: isto por termos de subir sempre, em quanto que de manhã desceramos. E foi assim. Depois de confortarmos os estomagos, subimos aos jericós; eram duas horas: e chegámos a casa ás 7 da tarde, quando o sol se escondia no horizonte.

Vim contente, porém muito enfadado.



Emquan o se compunha este capitulo, soube por uns camponezes d'aquella zona que havia outras *pedras d'anta*(sic) na herdade de Sancta Luzia, da mesma freguezia do Rosario, porém muito para o occidente do Casco; e mais outras na herdade do Roncão, da freguezia de Cappellins do termo de Terana, perto dos

limites da Madureira.

São também (disse um dos informadores) reliquias apenas e não edificios completos.

Da anta de Sancta Luzia affirmou o mesmo -- que o ostio era precedido por dois renques de pedras de pouca altura, que eu supponho serem uma galeria subterrada... até ver!

Entretanto se não exploram, aqui deixo estas notas.



CAPITULO I V

O que é prehistorico.

**Epoca da construcção das antas
e por quem foram construidas.**

O que ellas não eram.

**Debilidade dos argumentos dos prehis-
toristas a este respeito.**

PRETENDENDO eu provar que as antas, na sua mai-
or parte, ao menos, são de origem relativamente mo-
derna, e uma coisa nomeada a cala passo nos livros antigos,
po lha, fazendo já essa demonstração, omitir a contradicta —de se-
rem ellas *prehistoricas, sepulcros, altares, e marcos do itiaerar o
d'un povo*, como se tem propalado: fál-o-hei porém para comple-
tar inteiramente este estudo, servindo me dos argumentos do Dr.
Filippe Simões e de Sá Villa, no que estes escriptores dizem de
accordo com as minhas ideias.

Mas, primeiro que tudo, entendamo'nos com uma d-finicção
de —*prehitoria*.

QUESTÃO PREVIA

Que cousa é —prehistorico?

Teaho tido para mim que —*prehistorico* é o que existiu ante-
riormente á invenção do alphabeto, e não mais continuou a exis-

tir ou a usar-se depois d'essa época; de sorte que —não se encontra nos escriptos dos historiadores menção de taes cousas ou monumentos, —nem se quer consta «por tradição» o seu uso.

É esta a concepção que tenho do que hoje appellidam «pre-historico»; e creio não me enganar: pois vejo que assim pensam os que eu chamo — pre-historistas. Exemplo em Philippe Simões: *Falta-lhes* (ao archeólogo — pre-historico) *a tradição VERBAL ou ESCRITA* (1)

«Pre-historico» é pois uua cousa que teve seu uso, mas —tão remoto—, que já se não sabe ao certo quando isso foi, nem ha memorias escriptas, que as mencionem como usadas em tempo dos historiadores.

Se houvessemos de chamar «pre-historico» ao que teve seu principio antes de se inventar a escriptura, ou antes da época de Abrahão que morreu 1817 annos antes de Chr., ou Edade a que fazem remontar «a historia», então haveria infinitos monumentos pre-historicos. Um abrigo, composto de quatro paredes, coberto com um telhado qualquer, a que nós hoje chamamos — *casa*, seria um d'esses monumentos. Sêl o hia una *candeia de barro*, um *prato*, uma *panella*, um *tigella*, uma *tripeça de pau*, um *jaleco de pelles*, & ; pois tudo isso começou a usar-se em tempos immemoriaes. Mas ainda estão em uso e sempre assim tem esta lo. Ninguém lhes tem chamado «monumentos pre-historicos», por serem cousas da actualidade ainda; e sêl-o-hão talvez até à extincção da especie humana.

Entendo pois que, se alguém provar que as antas (e outros megalithos semelhantes) eram usadas quando começou a escrever-se historia, e que ainda o continuaram a ser, fazendo-se até menção d'esses monumentos na mesma «historia» sob qualquer diversa denominação, como cousas da actualidade dos factos então occorridos, n'esse caso . . . as antas não podem ser classificadas como *pre-historicas*: hão de ser «monumentos historicos», embóra — archeologicos — por seu desuso na actualidade.

Mas . . . não tenhamos pressa: lá chegaremos.

Entretanto ouçamos o que se tem dicto sobre a antiguidade

(1) *Wool. & Archæol. Prehist. da polónia*, § 2

e natureza das antas. Eu gosto de caminhar sem pressa. Vamos de vagar.



1º. — *As antas não são de tanta antiguidade, como resumem os prehistoristas*—. Vejamos.

A construcção d'estes monumentos é attribuida pelos modernos dos ultimos cincoenta annos á Edade da Pedra ou «Edade Neolithica»; mas esta divisão de edades, imaginada por Thomsen e Worsaae, vai perdendo a voga, porque se observa, a cada passo, que é impossivel estabelecer um synchronismo de edades para todos os povos, visto como uns se encontram na Edade dos Metaes, emquanto outros ainda se limitam a usar de instrumentos de pedra ou osso. Logo, para chronologia não serve.

«Eu não posso prestar grande fé ás divisões das edades archeologicas», diz Vilella(2); e allega, entre outras muito boas razões, que os Mohavi da California, ainda em 1854, não possuíam nemha um instrumento de metal; e que os Laponios, sómente cerca do principio do seculo actual, deixaram de servir-se de instrumentos de pedra.

Accre-centa —que a edade da pedra ainda existia nas Gallias ao tempo da invasão Romana, e talvez depois. «Em todo o caso (ajuucta) eu não posso acreditar por ora n'uma *grand. antiquidade* dos dolméns»(3).

Cita exemplos de antas que não podem ter origem muito antiga, por se observar que as suas pedras foram lavradas com ferro (como é por exemplo, o ocullo do faulão da anta da Candieira); e até lembra que o dr. Koper, citado por Lubbok, diz — que os dolméns —ainda hoje— são construidos pelos Kassials na região do Hymalaia(4). (Que tal?!...).

Quanto á sua origem vê o judicioso escriptor que ella é semita —no exemplo de Jacob, levantando um megalitho em Bethel, que eu, por ouvil-o dizer ao seu auctor —*casa de Deus*, conjecturo

(2) *Os Dolmens*, ubi supra, Tom. 2 pag. 11, in nota.

(3) *Ibid.* (4) *Ibid.* in nota.

co. bem, não ser uma pedra unica ou um meahir, mas sim mais de uma pedra, compondo um habitaculo, isto é—formando uma anta(5).

Vê Sá Vilella que a circumcisão dos Hebreus foi instituida para ser praticada com ficas de pedra, não obstante acharem-se já em uso os instrumentos de metal, e ter já passado a idade da pedra para aquelles povos da Asia; nota que Moule attribue aos Chaldeus a construcção dos dolmens(6); —que os Númidas os edificavam na Africa: e que os Phenicios, Ibéros e Celtas faziam a mesma cousa(7).

O Dr. Philippe Sinões e recorda com o exposto por Vilella, e não obstante conhecer-se que pretendeu responder á, interrogações d'esse, formulando-as assim: «Em que tempo e por quem e para que fim foram constuidos os dolmés?» é certo que estes problemas continûam a estar irresolutos.

Logo: nem as antas são de tempos desconhecidos, nem pode a sua construcção ser attribuida a um só povo: são artefactos de muitos povos antigos.

O que pode questionar-se é — qual d'esses povos foi o iniciador de tales edificios: cousa em que eu me não metto agora.

Logo... Devia também Vilella concluir: logo as antas não são monumentos *prehistoricos*. Se elle porém não teve coragem para arrostar com as iras dos sabios estrangeiros, tenho-a eu, e os meus leitores que não ficarem d'isso convencidos n'este capitulo, ficá-lo-hão no seguinte(o V).

Como prevenção contra illusões futuras, vou lançar aqui uma nota importante. Em 1836 foram as coutadas de Villa Viçosa divididas em glebas emphyteuticas por todos os chefes de familia, capazes de as cultivar; e porque essas coutadas andavam já, durante o légradouro commum, divididas em sesmos e os sesmos subdivididos em courellas, os Vereadores, com o fim de contem-

(5) *Gr.* XXVIII, 22.

(6) *Noticia de monumentos archaelogicos*, 1374.

(7) *Do Dolmés*, ubi supra.

plar maior número de cidadãos, subdividida ^{ainda} as courellas em partes menores, dando lhes o nome de Traços. Ora bem: um traço do sesmo de Val de Pardieiro e courella n.º 9, nas margens da ribeira de Borbo, juncto á Fonte Ferrenha, cobre a Dâmaso Pedraes, conhecido vulgamente por Dâmaso Tremes e já fallecido. Este homem, surpreendido por trovoadas no cultivo de meloães, feijoães etc no seu traço, e vendo que muito lhe convinha alli um abrigo contra as tempestades, lembrou-se de construir uma casinha de lages grossas de piçarra que muito abundam naquella parte oriental d'esta villa; e para que a obra ficasse mais bem acabada, convidou o alvenão Antonio Maria Fraústo, vulgô «o Beato Antonio», para lh'a executar. O Fraústo, fallecido em 1822, aproveitou o encosto de uma grande rocha lageira para constituir uma illurga da casinha; fabricou lbe, a distancia conveniente, uma pequena parede com lages seccas; e cobrindo isto com dois lajões, deixou obra tão sólida, que ainda h je dura com mais de 50 annos de existencia, prestando abrigo, não sómente aos herdeiros do fundador, senão também aos cultivadores dos preâos visinhos, que alli se refugiam em occasiões de tempestade. A trazeira é também natural e não artificial.

Deixo aqui esta prevenção, para que não venha mais tarde alguém dizer — que a dicta casinha é um monumento dos tempos —prehistoricos—, quando elle data do seculo corrente.



2.º — *As antas não são sepulcros.* Vejâmol o.

«A opinião mais geralmente seguida entre os archeologos, diz Vilella, é a de que os dolmêns são —monumentos sepulchraes—. Ha porém quem duvide; e se eu pudesse ter opinião em tal assumpto, talvez me inclinaria a duvidar também. . . . Certo é que nas antas do nosso paiz. . . em nenhuma se tem observado signaes evidentes de que houvessem servido de sepulturas(S).»

Refere que em 1869 o sr. Narcis da Silva, examinando e explorando cuidadosamente a anta da serra de Cintra, que se diz ser das maiores conhecidas em Portugal, concluiu por affirmar

(S) DEL. TOM. 2.º, p. 33.

que não era sepultura; e assim o communicou ao Congresso Internacional de Bolonha em 1871.

Por esta maneira discorrem outros archeologos.

E com effeito, para se poder concluir que as antas foram construidas adrede para sepulchros, não basta q̃u: n'uma ou n'outra se encontrem ossos de homens alli enterrados, visto que do particular não se pode argumentar para o universal: é necessario que tal descoberta se verifique em tolas ou na maior parte d'ellas. Mas isto não succede assim; logo, não pode concluir-se que as antas fossem construias para servirem de monumentos sepulchraes.



3.º — *As antas não eram também monumentos sacros.* É o que vou demonstrar agora.

N'esta parte fica vacillant: Sá Vilella. Ao criticar a opinião de Mendonça de Pina, escreveu: «Eu não sei o que a erudição archeologica, e as investigaçõe prehistoricas dos nossos dias, possam dizer mais, nem melhor, de taes monumentos(9).»

Mas o fundamento de Pina é a linguistica de uma certa etymologia da palavra *anta*, que bem pode ser mera conjectura ou illusão do illustre academico, da mesma sorte que o são a maior parte das etymologias. Vir *anta* do verbo hebraico *nathan* (deu ou dedicou) e passar por certas formulas grammaticaes até formar *anthan*, ou vir também do phenicio *anta*, que segundo Philo de Biblos significava *Deus*, parece-me uma conjectura, tão improvavel como as outras dos prehistoristas; pois só em Portugal são assim chamadas estas casinhas, emquanto os nossos vizinhos Extramenhos, além do Guediana, as designam agora por *garitas*(guardidas ou abrigos) e os Francezes e outros, por *dolmêns* (mesas de pedra). Quem nos diz que a mesma palavra *anta*, embóra designativo proprio d'estes megalithos, não está já deturpada pelo barbarismo ou evolução phonetica(Mais adiante veremos que assim é)?!

(9) Ibid. pag. 135.

Nenhuma das leis de derivação se acham n'esta palavra *anta*, como proveniente de *nathan* : pois falta-lhe o accento predominante AN com queda successiva de consoantes e vogaes mudas (10). Mais: no *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas* por D. Francisco de S. Luiz, falta este vocabulo(11). Além d'isto o Dr. Philippe Simões aponta outras etymologias sem poder adoptar nenhuma(12).

Viu mais Sá Villela que D. Ramon Silvello, n'um estudo sobre *Antiguidades de Galicia* e artigo acerca de *Monumentos Celticos* menciona «differentes dolméns, entre os quaes um, perto da Couinha, em perfeito estado e notavel pela sua altura — superior a tres metros—. . . N'estes, como nos do Portugal, não ha vestigios de sepultura: o sr. D. Ramon considera-os como altares para tender las victimas destinadas al sacrificio(13).» Por isso fica vacillante o juliciso critico, não perfillhando, nem recusando esta opinião.

E podia recusal a. Desle que viu — ficar a mēsa do supposito altar mais de tres metros acima do solo, devia calcular que, só com escadas portateis, lá poderiam subir os sacerdotes a extender as victimas e sacrifical as! . . . Uma vez que reconheceu — não serem as antas de tanta antiguidade, como presumem os prehistoristas, devia exigir que, nas de origem mais recente, apparecessem já alguns signaes do symbolismo religioso e até dedicatorias em letras! . . . Devia perguntar a si mesmo: de que serviria o recinto, inferior à mēsa, se o uso de taes monumentos era só externo ou superno, e quando, para serem altares, dois esteios lhes bastavam por debaixo?! . . . Ora, tudo isto impugna tal opinião; logo, as antas não eram altares ou monumentos sacros.

Outras etymologias da palavra ANTA. — Antes de proseguir neste estudo, e po. que já fica registada aqui uma etymologia

(10) Sr. Ta. Braga = *Manual da Hist. da Língua Portuz.* cap. I.

(11) El. de Lisb., 1837.

(12) *Introd. à Archaeol.*, nota 3^a in fine.

(13) *Os Dolm'ns*, ubi supra, Tomo I.

da palavra *Anta*, copiarei, para complemento, o que diz Philippe Simões a este respeito. Eil o: «Em Portugal chamam *antas* aos dolmens. Para a etymologia da palavra *anta* convirá notar que, segundo affirma Mendonça e Pina, os godos chamaram *antas* aos seus heroes. Os povos de Saxe attribuem a construcção dos dolmens, aos gigantes; ora entre esses povos, *enta* significa gigante. É tambem para notar-se a simillança da palavra *anta* com o nome de Anteu. Na lingua portugueza e n'outras linguas *anta* significa o contraforte do edificio, a parte saliente que se eleva desde o alicerce até o cimo, ou até parte da altura. A este elemento architectonico chamamos nós egualmente gigante, de sorte que n'este sentido *anta* e gigante são synonimos. Finalmente, não falta quem derive a palavra *anta* do celtico *hana* e *hanouth* que significam, assentar-se, acampar, armar a tenda; e tenda, acampamento, morada. Na Argelia dão o nome de *hanouth* ou *hanouita* a cavernas que a mão do homem abriu em epochas tão remotas que não constam das tradições. Vej. L. de Manle » etc.(14).

Quanto à derivação do celtico, pode ser que se ajuste mediatamente com a minha opinião, que só mais adiante expenderei.



4.^o — *Tampouco as antas são monumentos do itinerario d'um povo nómada.* — Vamos vel-o.

Isto não passa de uma hypothese de Bonstetten e de Bertrand, seguida por Faidherbe. Nem Vilella, nem Philippe Simões concordam em tal itinerario: é uma conjectura inverosimil. E visto ambos concordarem n'este ponto, deixarei fallar agora sómente o Dr. Simões, a quem tive a honra de conhecer em Evora.

«O sr. Bonstetten, fazendo partir o povo(?) dos dolmens da Criméa, não julga ser esta a sua patria, porém alguma região da Asia, d'onde, pelos desfiladeiros do Caucaso, passaria á Europa, preludian lo assim as posteriores(?) migrações dos celtas, godos, hunos e vandalos.»

«O sr. Bertrand suppõ: tambén ter vindo da Asia o povo(?)

(14) Ubi supra ou pag. 15).

dos d'Euens, que seria de uma raça rebelde a toda a transformação e a toda a absorção pelas raças superiores. Repellido das nações centraes d'aquelle continente para o norte, seguiria as margens do Báltico, demorar-se-hia na Dinamarca; d'aquí de novo repellido, subiria até as Orcadas; depois, descendo pelo canal que separa a Irlanda da Inglaterra, chegaria, de estação em estação, primeiro á Gallia, depois a Portugal e finalmente á Africa, onde os restos de tal gente se extinguiriam, destruidos pela força de outra raça mais civilisada.

«Contra a opinião de Bertrand protestam os objectos de pedra, barro ou metal, encontrados nos dolmens, por onde se prova que as gentes constructoras d'estes monumentos não eram refractarias á civilisação. E, admittido este facto, a sua consequencia necessaria será que taes gentes, obdecendo á lei do progresso, deixariam provas de mais avançada civilisação nos paizes, que ultimamente occupassem. Ora os archeologos concordam em que não sómente a architectura megalithica é mais perfeita no norte do que no sul, mas tambem mais bem acabados, e de mais preço os objectos achados nos dolmens septentrionaes; e que portanto, se houvesse de se attribuirem os dolmens a um povo emigrante, este povo deveria ter seguido do sul para o norte e não do norte para o sul, como Bonstetten e Bertrand suppozerao. Por outra parte, quem se dêr ao trabalho de marcar n'um mappa as regiões dos dolmeas, reconhecerá que algumas de taes regiões ficam inteiramente separadas por grandes distancias, como as da Criméa e a da Palestina(15).

Esta hypothese não pode pois ser acceita. É opinião de archeologos *de gabinete* que eu refutaria, dizendo em poucas palavras: As antas abundam principalmente nas serras e desertos inhospitos: logo, por alli não se faziam itinerarios.



5.^o — *Debilidade dos argumentos dos préhistoristas.* — Debalde se caçou Vilela em estudar a origem e fim das antas: depe-

(15) *Ibid.*, pag. 97.

is de tanto folhear e meditar, ficou na mesma expectat'va de o vir ainda a saber.

« Quanto mais estudo este assumpto (diz elle), mais hesitações sinto... A perplexidade é a ordem do dia, entre os sabios(?), nos estudos de archeologia. E não só os doutos se contradizem uns aos outros; elles proprios estão successivamente modificando as suas opiniões. Os estudos de hoje põem em duvida os estudos de hontem: os de amanhã é provavel que alterem uns e outros... »

« Quem ler as actas dos congressos de archeologos, anthropologos, orientalistas e americanistas, reconhecerá n'essas discussões incessantes a *contradição* e a *hesitação* dos sabedores, em assumptos tão difficeis. Descobrir taes contradicções... é facil; o que ha de ser difficil é a discriminação de conjecturas(!) accetaveis (16). »

Tal é o sentir do judicioso critico n'esta materia, e tal deve ser o de todos os que desapaixadamente lerem as taes apregoadas e inquistas da Archeologia Prehistorica.

Filippe Simões escreveu tambem: « A archeologia não sabe classificar os vestigios dos povos primitivos; e nem ao menos, até hoje, demonstrou cabalmente a differença capital entre os dolmens e os monumentos cyclópeos (17). »

O que a archeologia prehistorica faz, é « formar conjecturas (18). »

Ora, « conjecturas » não são razões sólidas e convincentes; e portanto o prehistorismo não tem o valor, que os seus professores lhe attribuem.



(16) *Ca Dolmens*, ubi supra, Tomo I, pag. 131.

(17) *Introd. à Zool. da Pen.*, pag. 155.

(18) *Ibid.*, pag. 95.

CAPITULO V

Demonstração do que eram verdadeiramente as antas, - abrigos pastoris.

Seis congeneres, = espeluncas ou mammunhas, mapalias e magalias, abditos e latibulos.

I

WANTO que vi e analysei os restos das antas de Pardaes na posição em que foram construídas, formei logo o meu juizo sobre o seu destino: lembraram-me os abrigos dos pastores da Numidia, chama-los em sua linguagem hebréica *mapalia* ou *magalia* e que Sallústio descreve como «edifícios dos Númidas, oblongos, cobertos sobre ilhargas encurvadas, á maneira das quilhas dos barcos(1)»; razão porque lhes estão dando hoje os archeólogos o nome de *navetas*(2). Seguidamente disse eu a mim mesmo: Se as antas de Pardaes e a maior parte das Lusitanas são eguaes ás choças de pedra dos Númidas, - e se esses edificios eram contemporaneos de Sallústio, por que razão chamam a isto — monumentos prehistoricos? Pois é crível que na mesma época usassem d'elles na Africa os Númidas, e não cá os Phenicios e Celtas, quando restam ainda pelos campos taes vestigios?.. — Não creio!

Pouco tempo depois leccionava eu em latinidade o meu mal-

(1) «Edificia Numidarum, que *mapalia* illi vocant, oblonga, incurvis lateribus tecta, quasi navium puppis sunt. — Sallust. — *De Bell. Jugurth.* cap. 17.

(2) Dr. F. Simões = *Intro.*, etc. pag. 152.

logr do e involvel o discípulo Venancio Maria Rosado, de Benecatel; e tanto nas Eclogas, como nas Georgicas e na Eneida de Virgílio, comecei a ver nomear como edificios contemporaneos do poeta — as a latas, chamando-lhes *antra*; vi mais os «tumulos ou mamunhã», de ignados pelo termo *speluncae*, e as «navetas e naragha» pelos de *napalia* e *magalia*. Li mais em Hircio uma descripção da Hispânia, que adiante extractarei; e á vista d'isso não pude mais concordar em que se classifique de «prehistoricos» uns edificios de uso constante no seculo de Augusto, embóra tivessem origem d'z ou vinte seculos antes. Ora, se n'esse tempo eram usados, também haviam de ser construídos de novo ou reparados, ondequér que d'elles se caescesse. Vi portanto que não eram prehistoricos.

I I

El primeiro que eu analyse as passagens de Virgílio, observarei que os guardas ruaes e pastores usaram sempre de abrigos nos campos onde estacionavam. Para isto serviam-se frequentemente da choça ou tenda provisoria de colmo, ou de matto ou de pa nos, que se transferia para outro logar ou se desfazia ou se abandonava depois da colheita dos fructos; e a isso allude I-sídas nos seus vaticínios, I, 8, onde se lê: *Derelinquetur filia Sion, ut UMBRACULUM in vinea, et sicut TUGURIUM in cucumerario*; e no cap. XXXVIII, 12, em que diz: *Generatio mea ablata est, et convoluta est a me, quasi TABERNACULUM pastorum*. Hoje succede a mesma coisa entre os povos modernos, tendo estes suas «choças, choupanas, cabanas, barraquin» etc., que correspondem aos termos latinos — *tugurium, tabernaculum, casa, casula*, &c. e só differem na materia e forma d'esses abrigos.

Mas, porque elles não eram duradouros por sua debil construcção e tinham de ser refeitos a cada passo, mórmente nos campos desertos, em pontos ás vezes afastadissimos das povoações ou cidades, entenderam pôr melhor os antigos povos construir com gran las pedras e ses abrigos indispensaveis dos pastores, que, além da sua duração pelos seculos vindouros, mais seguramente offerria n pura dormirem a salvo dos tufões e das feras.

e não meos dos incendios fortuitos e dos premeditados nas devastações da guerra.

Por causa d'isso e dos exterminios principalmente é que deram em abrir lapas de excavação, chamadas *abditos* ou *latibras*, (d'onde veiu o portuguez *lapa*) e *latibulos*, para se internar pela terra uma ou mais pessoas, como o que está no Casco logo por baixo da anta; e bem assim deram em cobrir com terra as *antra* (anttas) e as *speluncas* (estabulos do gado, presepjos), tanto para impedir a destruição d'ellas pelo inimigo, como por lhes servirem de esconderijo a pessoas e riquezas; d'onde lhes veiu o nome de *mammonas*: é também para lhes servirem de intrincheiramento. A este facto allude Isaias, XVI, 4, dizem lo a Moab que servisse aos Israelitas de *latibulo* (esconderijo) deante da face do assolador—*Moab esto LATIBULUM a facie vastatoris*. A este mesmo facto se referem muitas historias antigas e curiosas, illudido se os modernos, quando suppõem que se fallava de cavernas ou antros naturais. Veja-se um exemplo do tempo de Saúl no cap. XIII do Livro 1.º dos Reis verso 6.º, d'onde consta haverem-se os Israelitas, com temor dos Philistheus, escondido — *in speluncis, et in abditis, in petris quoque, et in ANTRIS, et in cisternis*(v. 6). Districem agora lá os prehistoristas estas cinco especies de esconderijo, e digam que eram —grutas naturais— e não entravam alli as «anttas, lapas e tumulos ou mammôas e mammultas» do seu prehistorismo!..

Podem ver mais adeante (cap.XXIV) entrar Saúl n'uma espediteca a pargar o ventre, enquanto David, a quem elle perseguia, escondido lá dentro com os seus ásseclas, tenta e realisa cortar-lhe um pedaço do manto para depois lhe fazer *figas* de longe, azeuando-lhe com elle.....

Nem a gruta, onde Jesus Christo nasceu nos suburbios de Belém (o presepjo) era outra cousa senão uma d'estas grutas artificiaes.

Note-se porém que, ao mesmo tempo que nos campos desertos se entretinha a vida n'estas lapas de abrigo provisório, vivia-se já commodamente nas cidades; e pelos campos de lavoura espareciam commodas vivendas nas «villas» ou quintas.

Aqui ficam já consignados bastantes congeneres das antas.

I I I

Mas vamos a Virgílio, que foi quem primeiro me abriu os olhos.

1. — Logo na Ecloga I lê-se:

Non ego vos posthac, virili projectus in antro
Dumosa pendere procul de rupe videbo
(v. 76)

D'aqui se vê que os pastores da Italia costumavam estar detidos de braços nas lapas (antros) com a cabeça para o ostio ou porta d'ellas, a ver pastar o seu rebanho ; e vê se também que essas lapas eram até embellezadas com o revestimento de trepadeiras, cultivadas ao redor d'ellas, para se tornar assim mais a prazivel a vivenda campestre : razão por que o poeta lhe chama *verde lapa* ; o que mais claramente se conhecerá adiante n'outros logares parallellos.

Agóra note-se que, além d'estas lapas dos pastores, sem lareira, havia moradas commodas (*domus, turris*), como acima observei já, para o lavrador ou senhor, nos grandes predios rusticos (*fundi, villae*), a que allude o Mantuano ao terminar aquella citada composição:

Et jam summa procul villarum culmina fumant
Majoresque cadunt altis de montibus umbrae.

Com essas edificações amplas e altaneiras contrastavam as *casae* e *casulae*, de que falla o mesmo vate, dizendo:

O tantum libeat mecum tibi sordida rura
Atque humiles habitare casas!.....
(Ecloga II, 32)

e também se refere a ellas S. Paulo na Ep.^a ad Hebr. XI, 9, escrevendo a respeito de Abrahão : *Demoratus est in terra promissionis, tanquam in aliena, IN CASULIS habi'tando.*

2. — Na Ecloga V, 4, está:

Tu major: tibi est æquum parere, Menalca:
Sive sub incertas, Zephyris motantibus, umbras,
Sive *antro* potius succedimus: aspice ut *antrum*
Sylvestris raris sparsit labrusca racemis!

Aqui o pastor Mopso convida Menalca a sentar em-se ambos à sombra, ou das vacillantes avellãs ou melhor — da lapa ou gruta artificial, que, além de fornecer uma sombra constante, estava-os attrahindo com o enfeite da parreira silvestre, que sobre ella trepava. Já se vê pois a razão por que atrás chamou *verde* à mesma lapa. Ora Menalca sempre se resolveu a entrar com Mopso para a sua casinha; por isso diz o ultimo(v. 19):

Sed tu desine plura, puer: *successimus antro*.

3. — Na Ecloga VI, 13, estão os rapazes a ver o pastor Sileno, dormindo na lapa, com as veias do peçoço entumecidas pela bebedeira da vespera, como sempre acontecia nas suas idas à cidade, e como ainda fazem muitos pastores Alemtejanos. Veja-se:

..... Chromis et Mnasilus *in antro*
Silenum pueri somno videre jacentem
Inflatum hesterno venas, ut semper, Iaccho.

4. — Aparece na Ecloga IX, 41, outra lapa, sombreada por um choupo e revestida toda com trepadeiras de vides mansas. Repare-se n'este lindo caramanchão:

..... hic candida populus *antro*
Imminet, et lentae texunt umbracula vites.

Essas parreiras estavam allí plantadas pela industria dos pastores; a fim de tornar apraziveis as suas habitações campestres, como já fica notado; e que estas eram de pedra, bem o deixa entrever Mœris, accrescentando — que allí segura estava Galité, embora no mar esbravejasse horrivel tormenta contra as praças.

Huc ades: insani feriant sine littora fluctus(v. 43).

5. — Nas Georgicas, II, 468, apparece a lapa grande, — tumulo ou mammôa —, relacionada entre os commodos abrigos da vida campestre, e que também servia de estabulo para o gado. Veja se :

.....latis otia fuidis
Speluncae, vivique lacus.....

e no L. III, 143, prescrevendo o mimo, com que devem ser tratadas as vaccas e eguas cobertas, recommenda :

Saltibus in vacuis pascant, et plena secundum
 Flumina: muscus ubi et viridissima gramine ripa
Speluncaeque tegant, et *saxa* procubet *umbra*.

Aqui se vê claramente nomeada a mammunha ou aata de grande formato e sotterrada, onde se podia recolher a armentaria, e muito mais facilmente o gado miudo; e para ficarmos scientes de que taes estabulos eram feitos de pedras granles, em bôra cobertas, exteriormente, de terra e saibro, lá menciona a sombra *saxea*, de que alli se regulavam os armntos, livrando-se ao mesmo tempo dos calores e do tabão.

Mais adeante, no v. 339, refere-se á deserta Africa septentrional e menciona as lapas ou choças de seus pastores, chamadas por elles *mapaes* ou *mapalias*, e onde nenhuns outros edificios se encontravam. Leia se :

Quid tibi pastores Lybiae, quid pascua versu
 Prosequar, et raris habitata *mapalia* tectis?
 Saepe diem noctemque, et totum ex ordine mensem
 Pascitur, itque pecus longa in deserta sine ullis
 Hospitiis: tantum campi jacet! Omnia secum
 Armentarins Afer agit, tectumque, laremque,
 Arma, Amyclaeumque canem, Cressamque pharetram.

onde se revêla que na Italia era mais supportavel o viver dos pastores, por não haver tão longos campos ermos, e por as lapas serem mais bem construidas que as mapalias da Lybia, de tectos «raros»(ou ralos), como obras d'elles mesmos pastores sem terem as junctas esquadradas e beiradas por habil artista, além

de carecerem d's ador. os de verdura. Alli cabia apenas o pastor com o seu farnel, arco e aljava, e o mastim a dormir lhe aos pés.

6.º — Nas mesmas Georgicas, IV, 429, recordando a fabula de Proteu, fal-o Virgilio sahir das ondas e entrar nas lapas do litoral, rodeado pelo seu gado maritimo, e collocar-se ali como usavam os pastores ao recilher dos pastos, isto é — sentarem-se no meio das dictas lapas, fazendo a contagem das cabeças, enquanto os lobos, ao longe, afitavam as orelhas de ouvir os berros dos cordeiros; e escreve:

. . . . Proteus consueta petens e fluctibus antra
Ibat: eum vasti circum gens humida ponti
Exultans, rorem late dispergit amarum.
Sternunt se somno diversae in littore phocae.
Ipse (velut stabuli custos in montibus olim
Vesper ubi e pastu vitulos ad tecta reducit,
Auditique lupos acuum balatibus agni)
Considit scopulo medius, numerumque recenset.

Aqui se acaba retractada a conducta de um pastor, ao recolher-se á noitinha, e era — metterem-se na lapa ou choça de pedras a contemplar o rebanho e fazer contagem d'elle, para verificar se não faltavam cabeças desgarradas. Ora, para dar a conhecer o material de que eram feitas as *antra*, disse o poeta: «assenta-se no meio da penha ou rocha». Logo, eram de pedra.

E não se objecte que falla o poeta de uma gruta natural; pois exprime-se — pluralmente — (*antra consueta*): e se havia alli muitas, não podiam ser senão artificiaes.

Mais. Adeante no v. 507, referindo os lamentos de Orpheu por Eurydice, escreve:

Septem illum totos perhibent ex ordine menses
Rupe sub aëria, deserti ad Strymonis undam
Flevisse, et gelidus haec evoluisse sub antris
Mulcentem tigres et agentem carmine quecus.

Orpheu estava pois debaixo de uma penha aeria, isto é — n'uma gruta com coberteira de pedra alçada o *sob frias lapas*: fri-

a: por serem do sobredito material. Querem-no mais claro?

7.— Na Eneida chama Virgilio *magalia* em vez de *mapalia* aos habitáculos dos pastores Africanos, talvez por estar melhor informado sobre este nome estrangeiro. Logo no L. I, 425, pondo a Enéas com a sua comitiva de marcha para Carthago, fal o encher de pasmo por ver levantados soberbos edificios onde outrora sómente se alastravam humildes lapas ou choças :

Miratur molem Aeneas, *magalia* quondam

como elle deixara já escripto nas Georgicas. E quando no L. IV, 161, descreve o effeito da tempestade que se levantara no meio da caçada, promovida em honra de Enéas pela rainha Dido, conta que os caçadores Tyrios e Troianos se dispersaram, mettendose cada um pelos diversos abrigos que deparava.

Et Tyrii comites passim et Trojana juvenus
Dardaniusque nepos Veneris, *diversa per agros*
Tecta metu petiere.

Ora esses abrigos não podem ser outros, senão os magaes ou magalias e espeluncas; pois dissera atrás que a Lybia era *sine ullis hospitiiis* além das magalias referidas: e por consequente o hyenneu de Enéas com Dido veio a ser celebrado (conforme a ficção poetica) n'uma anta ou espelunca, como as que nós cá temos.

Eram tão numerosas na Lybia essas lapas, que Mercario, precipitando-se do Olympo sobre o continente Africano, em desempenho da missão que lhe commettera o pae dos deuses, foi pousar sobre ellas os alados pés e tomar alli fôlego para recommear seus vôos e passos, como diz o poeta no v. 259 :

. alatis tetigit *magalia* plantis.



Ora aqui estão os monumentos de uma civilização, extirpeta no seculo V, apagados quasi da memória dos povos modernos! O que era uma coisa trivialissima nos campos da Europa, da

Asia e da Africa, passou em nossos dias á condição de mysterio! O que faz o abandono dos livros antigos e o desprezo do latim: — ignorar-se a ethologia da vida rustica ainda no tempo dos Romanos!

I V.

Para completar este estudo e verificar, — se na Península Iberica era assim também a habitação dos pastores e a accommodação de seus gados, e que, da mesma sorte que na Palestina, havia cá «tumulos ou espeluncas e mammunhas», creadas pela *engenharia civil e militar* d'então para a defêsa do paiz, veja-se nuna descripção da Hispanha no tempo de Cesar, feita por Aulo Hircio no seu livro *De Bello Hispanico*, L. I, cap. 1. Eil-a:

Fere totius ulterioris Hispaniae regio, propter terrae fecunditatem, inopem difficilemque habet oppugnationem, et non minus copiosam aquationem.

Hic etiam propter barbarorum crebras excursiones *omnia loca, quae sunt ab oppidis remota, turribus et munitionibus retineantur, sicut in Africa: rudere, non tegulis, teguntur; simulque in his habent speculas, et propter altitudinem longe lateque prospiciunt.*

Item oppidorum magna pars ejus provinciae montibus fere munita, et natura excellentibus locis est constituta; ut simul aditus adëensusque habeat difficiles: ita ab oppugnatoribus natura loci distinetur, ut civitates Hispaniae non facile ab hostibus capiantur.

Tito Livio no cap. 19 do L. XXII, diz: *Multas et locis altis positas turres Hispania habet, quibus et speculis et propugnaculis adversus latrones utuntur;* o que resu ne a narraçã de Hircio.

Os logares distantes das cidades, por causa das frequentes invasões dos barbaros, eram pois defendidos sobre si com torres e fortificações, da mesma sorte que na Africa; os camponezes cobriam as suas vivendas com cascalho ou entulho (*rudere*), e não com telhas, para difficultar a destruição dos seus tectos: e n'estes logares havia atalaias (*talayots?*), que pela sua elevada altura permittiam espraiair-se a vista longe e largamente.

Tiberio Graccho destruiu mais de 300 d'estas torres.

A cobertura das habitações campestres por aterros e não por meio de telhas, bem claramente está denunciando as espeluncas

e antas, cobertas de terra para não serem vistas facilmente, nem facilmente destruídas pelo inimigo. Creio por isso fi memento que os «montículos artificiaes», que rodeiam muitas antas, não são mais do que a terra da sua cobertura, descahida já.

E também creio que esses aterros foram o meio de poderem os camponozes guindar os enormes lajões acima dos esteios: cousa que faz pasmar os modernos que os contemplam, considerando que a aquella época os homens não possuíam guindastes. Pois bem collocados e aprumados os esteios, formavam o aterro em redor da espelunca ou anta; e depois, com alavancas e pedaços de pau redondos (tóros), mettidos por debaixo, faziam subir pouco a pouco as coberteiras até a altura do cò noro, onde as arrojavam para cima dos esteios. Por ultimo tapava-se tudo.

Quanto a ter havido espeluncas na Lusitania, está a dizer-se ainda hoje a povoação e serra de *Espianca* no Douro, cuja etymologia n'ò pòde ser outra. Investiguem-no os naturaes ou visinhos d'ella; e talvez encontrem vestigios da antigualha historica. Adeante acharemos outras.

V

N'essas espeluncas e antas passavam os pastores a vida, entretendo se, como ainda hoje os do Alentejo, em fazer colheres de pau do ar, de buxo, objectos de osso etc.; e eis-aqui a razão por que n'esses megalithos apparecem taes vestigios, que não representavam o progresso das artes das sociedades cultas, mas unicamente o dos pastores.

Pelo que respeita aos machados, dardos e outras armas de pedra, também isso denuncia a mesma industria pastoril, motivada pela carencia das armas de metal, ou por se este ainda raro, ou difficil de manipular, ou por terem as armas de ferro sido tiradas aos vencidos pelos vencedores. Por exemplo: quando Saúl começou a reinar, não tinham os Hebreus —ferreiro, nem armas de ferro por ellas terem tirado os Philistheus, seus dominadores; de sorte que no combate de Machmas só o rei e seu filho tinham espada e lança de ferro: e quando os vencidos careciam de concertar uma relha ou um enxalão, tinham de ir amanhá-los ao paiz dos Philistheus (*L. I Reg. xiii. 19 e seg.*). Cyro, depois de

veneer os Lydos, tira-lhes as armas (*Justino, L. I, cap. 7*); e Cesar faz a mesma coisa a s Adaütucos (*De Bello Gallico, L. II, cap. 32*). De que armas usar pois em taes circumstancias, quando convinha reagir? — Lançavam mão dos machados e dardos de pedra. Dos primeiros d'estes serviam-se, já encaban-do-os, já empunhando-os nas luctas de co po a co po, a fim de os espetarem pelos craneos dos adversarios e deixarem agora boquiabertos os prehistoristas, fazendo-os sonhar... fabulas!

Tudo isso é historico e muito historico, salva a differença de não o contarem minuciosamente os poucos historiadores antigos que nos restam, porque, sendo uma coasa trivialissima, ninguém se occupava em particularisá-la.

V I

Mas a historia não é inteiramente muda a este respeito, e como já tenho mostrado e vou continuar a mostrar.

Ainda estou vendo as antas e mamôdas no seculo V, quando os Barbaros entravam na Lusitania: Vejo, com effeito, as segundas mencionadas nas actas do 1.º concilio de Braga, celebrado em 411, com a denominação de *speluncae* á Lafña.

Diz-se alli no cap. III que os Bispos Lusitanos deliberaram esconder honestamente os «corpos ou reliquias dos sanctos», tomando nota dos «logares e... cavernas» (*de locis et speluncis*), onde fizessem o esconderijo das reliquias, e de cujos sitios mandavam ao Bispo de Braga um relatorio minucioso, *para que se não perdesse a memoria d'ellas com o decurso do tempo*(3).

Ora os nossos historiadores tem vertido *speluncae* por *covas* por não terem cohecimento do que eram propriamente as *speluncae*: palavra, que eu julgo vir de *specus longa*, caverna ou gruta comprida. Quando ellas porém serviam para esconder preciosidades, como no caso citado, tinham na Edade Média, entre os Portuguezes ao menos, o nome de *mamôdas* ou *mammunhas*; d'onde veiu o nome de «Herdade das Mamôdas ou Meimôdas» a uma do concelho d'Elvas, perto de Campo-maior, — e o de Mamôdas

(3) *Actas del. de Epp. C. en Port.* T. I, p. 203 — *Ronny—Hist. Comp.*, T. II, app. 12

a outra, da Serra d'Ossa no concelho do Redo do.

Direi agora que «mammôa, mammûa e mammuha» são corrupções do Latino *mamma*, derivação do Punico *mammon*, que, segundo S. Agostinho, significava *riqueza* entre os Hebreus, e *lucro* entre os Punicos(4). Isto mesmo vi depois no Glossario de D. Francisco de S. Luiz, já cita lo, onde lê que —mammona— vem do Syriaco *mammon* o do Hebreu *matmon*, «logar de guardar dinheiros, joias, riquezas, preciosas coisas», acrescentan lo que, segundo S. Agostinho também era palavra punica.

Aqui teem os leitores a origem da tradição popular sobre *minas* (thesouros escondidos) em taes sitios.

Aqui teem também a razão do accordo, que fizeram os Bispos Lusitanos perante a invasão dos Barbaros. Esconder preciosidades em occasiões de perigo era côstume velho. Veja se o L. II dos Macchabeus, cap 2, onde está relatado que Jeremias, na occasião de serem os Hebreus leva los captivos para Babilonia, subiu a um monte em busca de uma espelunca; achou a; metten n'ella o Tabernaculo, a Arca, e o Altar do incenso; e tapou o ostio por fim. Isto foi feito com tanto segredo e disfarce, que alguns reis que foram investigar este esconlimento, não poderam achar vestigio d'elle n'aquella occasião. —*Invenit locum SPELUNCAE et Tabernaculum et Arcam et Altare incensi intulit illuc et ostium obstruxit. Et accesserunt simul, qui sequebantur, ut notarent locum, ET NON POTUERUNT INVENIRE*(v. 5 e 6). —

Esta passagem historica é de uma clareza tal, que fará cahir necessariamente as cataractas dos olhos aos prehistoristas, que foren siaceros. Como é que pode considerar-se *natural* a espelunca do Monte da Visão de Moysés, onde se praticou este esconlimento, se alguns Hebreus religiosos que pretendiam tomar nota d'elle para o caso de regressarem do captiveiro, não poderam encontrar vestigios do que pouco antes fizera Jeremias? Se a espelunca fôra gruta natural, facilmente se patentearia aos investigadores d'ella; mas isto não succedeu: logo, a espelunca sobredicta era *artificial* e de não pequena capacidade para conter os referidos objectos sacros.

(4) Lib. II, De Sermone Domini in monte cap. 11.

D'aqui se vê que os citados Bispos da Lusitania não inventaram aquelle meio de subtrahir as reliquias dos sanctos ao roubo e profanação dos infieis: renovaram apenas expedientes antigos; e vê-se também que sabiam qual a serventia das espeluncas de Antequera e de Eguilaz, tão memoradas hoje em Hispanha pelos prehistoristas como abrigos... de uns homens imaginativos, lá da cabeça d'elles!

As antas, ordinariamente não cobertas de terra e abrigo proprio dos pastores, ainda eram bem conhecidas no sé u'º VIII; quando Paulo Diácono compoz os hymnos para a festa de S. João Baptista(5). N'um d'elles cantou o vate sacro:

ANTRA deserti teneris sub annis,
Civium turmas fugiens, petisti,
Ne levi posses maculare vitam
Crimine linguae.

onde recorda que o Precursor de Christo passou a mocidade na vida pastoril, albergando-se no que hoje querem fazer mais antigo do que elle—as antas; e também é claro que, no conceito do poeta, estas casêtas eram características dos campos desertos, que apenas serviam para fornecer pastos naturaes ao gado.

Esse hymno, tão antigo e tão repetido na festa do popular Baptista, em meu entender, contribuiu para se conservar entre os Portuguezes a denominação latina d' aquellas choças, com a queda apenas da consoante-liquida *r*; e aqui teem os leitores a etymologia, que eu assigno á palavra *anta*. Já o devem ter entrevisto.

Quanto a darmos-lhe o género feminino, quando em latim *antrum* é nentro e, por analogia, deveriamos dar-lhe o masculino, isso nada obsta; pois ha exemplos semelhantes, que não cito por brevidade. Sendo as antas muito numerosas nos antigos tempos, nomeavam-nas pluralmente *-antra*; e por este caso terminar em *a*, deram-lhe os Portuguezes o género feminino.




(5) Gavanto—*Theaurus sacror. rit.*, Tomo II, pag. 102 mihi.

CAPITULO V I

CONCLUSÃO

As antas e seus congeneres são monumentos historicos.

Inanidade do prehistorismo contemporaneo.

 TEMPO de concluirmos este estudo, já não pouco extenso, tirando os corollarios que d'elle resultam.

1.º — *As antas e seus congeneres não são monumentos PREHISTORICOS, mas simplesmente HISTORICOS.*

Fallemos claro... sem rodeios. O prehistorismo contemporaneo foi phantasiado *á priori* pelos materialistas do meio do século corrente. Acreditaram que o homem nasceu ali pelos charcos na época da criação, sem que n'isso interviesse a acção do que nós chamamos Providencia Divina; suppozeram o homem primitivo — um bruto, que se foi transformando e aperfeiçãoando pouco a pouco, vivendo entretanto, *more pecudum*, em cavernas, até chegar á perfeição que nós temos: e como acharam as antas e mamôas com algum goito para confirm r as suas idéias, gritaram logo: «Cá estão as cavernas onde se abrigava o homem dos primitivos tempos!!!» E depois — *Quod volumus, facile credimus...*

Mas enganaram-se. Houve logo quem duvidasse de tal disparate, como foi Sá Villela; e agóra este meu estudo (se o amor proprio não me illude) vai ser como aquella pedra, que se destacou d'um monte, foi bater nas pernas de barro da soberba estatua do sahho de Nabucodenezor, e a fez cahir e reduzir a pó, que

o vento em breve levou. . . . Por isso mesmo espero ser por algum tempo, como o Baptista, *Vox clamantis in deserto*; mas afinal triumphará a verdade: os sabios sinceros hão de acabar por dar-me a razão; e o prehistorismo das antas ha de esvaír-se como o fumo.

Não é que eu jámais pensasse em salientar-me e adquirir renome: nuac! Affirmei uma coua n'un livro meu, como disse no prologo d'este opusculo; e quiz provar o meu aserto: e á'ém d'isto sinto na consciencia uma instigação, que me diz: Folla: não te acanhes em propugnar pela verdade contra o erro!

Portanto aqui fica publicado este meu estudo, que é meramente espontaneo e consciencioso.

Agóra, por mais voltas que eu dê ao juizo, não sei como hão de responder-me os que pretendam acaso contrad'zer as minhas conclusões.

Deixo provado, com *factos certos*, que existiram antas e espeluncas nos tempos historicos. Logo, os monumentos que ali nos restam, — completos ou incompletos, são *historicos*.

Disse —qu) deix) isto provado com factos certos; ora «contra factos não prevalecem razões, por mais ponderosas que pareçam» deixou escripto um dos nossos mais insignes prehistoristas, o Dr. Philippe Simõ s(*obra cit. pag. 42*).

Lembrar-se-hão de me dizer —que essas reliquias que por ali apparecem, pertencem aos tempos «prehistoricos e não aós historicos»? . Impossivel! ¿Pois haviam de subsistir as ruinas de edificios velhos e desaparecerem as dos mais novos? . Suppôr tal cousa seria até um absurdo; pois nem é crível a existencia de edificios d'esta natureza, anteriores aos historicos.

2.º — Tudo o mais que faz objecto do prehistorismo contemporaneo, é vão ou fabuloso.

Isto não fica bem demonstrado atràs, nem eu me proponho demonstrá-lo agóra, porque não vale a pena: mas alguma cousa disse já, que baste para tal conclusão se poder inferir deste meu estudo.

Com effeito, sendo as antas e seus congeneres —mammôas,

ravetas, nurbagas etc. a parte principal da sciencia prehistorica de nossos dias de certo que esta cahê por terra, como um castello de cartas, com tamanha brecha !

Quanto ás *pedras de raio* ou machados de varias especies (de que tenho collecção). já disse atrás que não os considero como prehistoricos; e dei a razão d'isso, posto que incidentalmente.

Pelo que respeito aos chamados *menhirs*, *cromlechs* e outros, cuja natureza os prehistoristas ignoram totalmente, era melhor limitarem-se a dizer — que não sabem o que eram ou para que serviam —, mas nunca chamar-lhes «prehistoricos». Quererão dizer os prehistoristas — que elles conhecem bem todos os monumentos dos tempos historicos, e que só o facto de não conhecerem a natureza d'estes é bastante para os classificar como anteriores á historia?.. — Extremada arrogancia e basófia seria uma tal pretensão! Este opusculo o demonstra.

Do que trazem os prehistoristas, só uma coisa acho, que seja prehistorica: são as *pedras balouçantes*, que já existiam quando o homem appareceu na terra; pois foi a natureza, e só a natureza, que assim as formou d'ante-mão. Lembrança infeliz porém foi, de certo, chamar para a prehistoria uma coisa, que não dependeu jámais do facto do homem. Succedeu, entre milhões de casoz, que aquellas pedras ficassem equilibradas, ou quasi, num outeiro; desfez-se a terra, em cujo seio ellas foram creadas: e em vez de se precipitarem, como ainda ha poucos annos accoiteceu nas pedreiras de Guindaes, no Porto, estas, ao contrario, ficaram suspensas e assim continuam.

Mas alli não andou a mão do homem, repito: e portanto só a Historia Natural podem pertencer.



Finalmente, no que deixo demonstrado, parece me que, por meio indirecto, respondi ás tres interrogações de Sá Villela.

Essas respostas traduzem-se assim:

1.^a — As antas eram abrigos de pastores; e os tumulos ou *mammôas* serviam — de estábulo aos gados; aos homens, de refugio: e de esconderijo de preciosidades em tempo de guerra.

2.^a — Foram construidas, não por um só povo, mas por muitos povos, desde os Chaldeus até os Romanos, tendo seu principio na Asia, berço da especie humana.

3.^a — Começaram a ser construidas pouco depois do Diluvio Bíblico. Se algumas houvesse anteriores a este, elle as desfaria. Pertencem pois á idade dos metaes e aos tempos historicos.



F I M

Erratas e defeitos de impressão

Apesar da muita diligencia , que empreguei na revisão das provas, sempre ficaram algumas erratas; mas constam ellas apenas de troca de letras ou de letras voltadas : cousas que os leitores percebem facilmente.

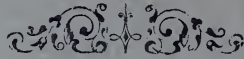
O peor foi estar safado algum typo e falhar a impressão d'elle a par do outro menos usado; como porém o folheto , ainda assim, pode ler-se, com isso me contento. Esta edição , feita em minha casa, é apenas um ensaio de outras futuras : espero melhorar o material typographico; e os leitores hão de ser mais bem servidos.



INDICE

	Pag.
Dedicatória	5
Prologo	9
CAP. I. — Historia Litteraria do assumpto	11
CAP. II. — Quantidade e forma das antas	16
CAP. III. — Antas novamente descobertas e vistoriadas pelo auctor	21
CAP. IV. — O que é prehistorico. — Epoca da construcção das antas e por quem foram construidas. — O que ellas não eram. — Debilidade dos argumentos dos prehistoristas a este respeito	27
CAP. V. — Demonstraçção do que eram verdadeiramente as antas. — abrigos pastoris. — Seus congeneres : espeluncas ou mammunhas, mapalias e magalias, abditos e latibulos	37
CAP. VI. — CONCLUSÃO. — As antas e seus congeneres são moumentos historicos. — Inanidade do prehistorismo contemporaneo	50
Erratas e defeitos de impressão	54





Preço d'este livrinho em brochura....200 rs.

Pelo correio210 »

Pedidos ao auctor ou a Joaquim José Amaro

VILLA VIÇOSA

eeeeee



